

XXIV Encontro Anual da ANPOCS

23 a 27 de outubro 2000

Petrópolis - RJ

GT - Biografia e Memória Social

Coordenadores: Regina Novaes e Dulce Pandolfi

3^a sessão

Eventos e narrativas: mediações na construção da memória social

Comentadores: Regina Novaes e Benito Schmidt

Grajaú, memória e história: fronteiras fluidas e passagens

Márcia Pereira Leite (UERJ/UFRJ)

Resumo: Este trabalho analisa várias versões recolhidas em trabalho de campo sobre a história de um bairro carioca. Apresenta diferentes reconstruções históricas sobre sua origem, data e local de fundação, atores envolvidos e modo de expansão. Examina aspectos de sua história que são ressaltados com o objetivo de valorizar o que seriam suas origens proletárias ou de classe média, seu surgimento em torno de um clube ou de uma igreja, sua integração em uma área industrial ou seu caráter de bairro residencial isolado dos bairros populares em torno. Demonstra como essas versões articulam-se à percepção das fronteiras do bairro que podem ser mais largas ou mais estreitas do que as definições oficiais, incorporando ou excluindo as áreas proletarizadas e as favelas da região. Por fim, examina como estas reconstruções históricas se articulam às biografias dos principais atores do bairro, analisando o entrelaçamento entre o resgate da memória e da história do bairro e a postulação de quem pode legitimamente nele, para e por ele falar.

GRAJAÚ, MEMÓRIA E HISTÓRIA: FRONTEIRAS FLUIDAS E PASSAGENS¹

Márcia Pereira Leite (UERJ/UFRJ)

O Grajaú, hoje

O Grajaú, bairro situado na zona norte do Rio de Janeiro², próximo à Tijuca, é usualmente referido como um local muito agradável, com casas ajardinadas, ruas largas e arborizadas e clima agradável. Com uma área de 584,2 hectares e 37.609 habitantes³, é um bairro residencial, valorizado por seus moradores por conservar elementos de cidade do interior em suas relações de vizinhança e na tranquilidade de suas ruas.

Desfruta de um pequeno comércio (supermercados, açougues, quitandas, padarias, farmácias, armarinhos, lojas de ferragem, de animais, papelarias, etc.) e de alguns serviços (bancos, escolas e creches, academias de ginástica, cabelereiros, videolocadoras, postos de gasolina, casas de saúde e de repouso). Seus moradores dispõem, para seu lazer, de dois clubes (Grajaú Tênis Club e Grajaú Country Club), duas praças (Praça Edmundo Rego e Praça Nobel), alguns largos e da Reserva Florestal do Grajaú, além de inúmeros bares e restaurantes. Aos domingos e feriados, a Praça Edmundo Rego constitui o principal espaço de sociabilidade do bairro, sendo fechada ao trânsito e ocupada por uma feirinha de artesanato, enquanto seus arredores são tomados por bicicletas, cavalos e charretes, carrinhos, pula-pulas e outros brinquedos. Possui ainda várias igrejas: a matriz e duas capelas católicas, um templo da Universal do Reino de Deus, duas igrejas batistas, uma presbiteriana, uma messiânica e alguns centros espíritas.

O Grajaú, ontem

O Grajaú surgiu em um vale, conhecido como Vale dos Elefantes, ao sopé do Maciço da Tijuca e, mais especificamente, da Serra do Andaraí, onde se encontra a Pedra Perdida do Andaraí, popularmente conhecida como Pico ou Bico do Papagaio, que constitui um dos símbolos do bairro. Sua origem, nas primeiras décadas deste século, foram dois grandes loteamentos realizados no antigo arrabalde do Andaraí Grande⁴, que incorporaram terras de fazendas de café à malha urbana da cidade.⁵ O primeiro loteamento foi realizado pela Companhia Brasileira de Imóveis e Construções e compreendia as terras situadas entre a Serra

¹ Este texto é uma versão de um dos capítulos de minha tese de doutoramento em Sociologia no PPGSA do IFCS/UFRJ, que desenvolvo sob a orientação da profa. dra. Regina Novaes.

² Vide o mapa 1, anexo.

³ Dados de 1996, extraídos do Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro, 95-97.

⁴ Este compreendia os atuais bairros do Andaraí, de Vila Isabel e do Grajaú, que integram hoje a 9ª Região Administrativa (RA) do Rio de Janeiro, além da Aldeia Campista que foi incorporada pelos dois primeiros.

⁵ A Fazenda Vila Rica, situada na encosta, fora desapropriada, em 1875, pela Fazenda Imperial para reflorestamento da área. As duas outras fazendas da região, a Morumby, de propriedade de John Rudge, e a da Viscondessa de Alcântara passaram a se dedicar ao plantio de capim que era fornecido a estábulos, desde a decadência do café do Rio de Janeiro face à produção do oeste paulista. Foram vendidas para empresas imobiliárias em, respectivamente, 1912 e 1920, dando início à urbanização da região (Cardoso, 1989; Colchete Filho, 1995).

do Engenho Novo e um caminho posteriormente denominado Rua Borda do Mato. O outro, chamado Vila América, foi promovido pela T. Sá e Companhia Limitada e englobava os terrenos que iam deste ponto ao que hoje é a rua Botucatu (Cardoso, 1989).

A partir dos anos 20, o bairro desenvolveu-se com o desenho do primeiro loteamento. Posteriormente, na década de 80, o Grajaú estendeu-se até o lado direito da rua Ferreira Pontes, incorporando toda a parte do Andaraí que correspondia ao loteamento de Vila América⁶. Entretanto, mesmo unificadas no plano urbanístico, estas duas regiões constituem duas áreas distintas do/no bairro. O formato atual do Grajaú foi definido pelo seu Projeto de Estruturação Urbana/PEU: suas ruas descem das encostas do Maciço da Tijuca até as ruas mais exteriores (Visconde de Santa Isabel, Barão de Bom Retiro, Meira de Vasconcelos e Ferreira Pontes), que constituem suas divisórias com os bairros do Engenho Novo, Lins de Vasconcelos, Vila Isabel e Andaraí⁷. Ao contrário destes seus vizinhos, porém, é tido como um bairro nobre, uma vez que em seu "miolo", que corresponde ao primeiro loteamento e à sua configuração territorial original, é um bairro estritamente residencial, com belas casas e alguns edifícios luxuosos habitados por segmentos da alta classe média.

Já a parte do Grajaú que corresponde ao loteamento Vila América é constituída por um conjunto de ruas que, terminando nas encostas, dão acesso a favelas e compreendem uma população de menor poder aquisitivo. Há ainda uma terceira área do bairro, considerada mais periférica, que é formada pelas ruas externas que dão acesso direto a outros bairros. Transformadas em "ruas de passagem", seus imóveis tem menor valor comercial e são habitados por segmentos de classe média.

Essa diversidade de regiões no bairro teria sido gerada, segundo Cardoso (1989), pelos distintos modos de atuação das duas companhias responsáveis pelos loteamentos, que representavam segmentos diferenciados do capital imobiliário. Enquanto a T. Sá restringia-se à promoção fundiária e à obtenção de lucro nas transações comerciais, a perspectiva da Companhia Brasileira era a extração de lucro nas operações financeiras. Para isso construía moradias e as vendia através de um sistema de financiamento próprio. Buscando "atingir um mercado ainda bastante restrito na cidade: segmentos das camadas médias da população de maior poder aquisitivo ... que antes pagavam aluguel", mas que podiam arcar com esse financiamento, realizou obras de arruamento, loteamento, instalação de infra-estrutura de água, calçamento de ruas e construção de diversas moradias para venda. O projeto de um bairro de "fisionomia moderna" com residências amplas, ruas largas e traçadas em simetria a partir de uma praça (a Edmundo Rego), com "calçadas largas e ajardinadas, lotes também regulares e com testadas largas" visava atrair esses segmentos, criando "um bairro residencial de elite dentro de uma área da zona norte ocupada primordialmente por velhas construções e diversas fábricas⁸" (Cardoso, 1989: 95-97).

⁶ Cf. Decreto nº 3158/81.

⁷ Vide o mapa 2, anexo.

⁸ Veja-se, por exemplo, a reportagem "Milagre de tenacidade e previsão: Grajaú", *Rio Ilustrado*, dezembro de 1943, que divulga o novo bairro, ainda em crescimento, informando que seu plano urbanístico havia sido elogiado pelo próprio Agache e destacando: "o elemento social do bairro do Grajaú é quase todo ele fixo, estabilizado pela casa própria, formando com isso uma sociedade que já se integra, pela tradição, numa só família ..."

A T. Sá, ao contrário, preocupada exclusivamente em obter o maior lucro possível na venda de terrenos, projetou o Vila América com quadras irregulares, lotes de testadas menores e formatos irregulares, que se traduziam em terrenos de preços mais acessíveis, e se limitou a efetuar as obras de arruamento indispensáveis. Além disso, não preocupou em conferir ao bairro um caráter residencial, vendendo uma quadra inteira para a Fábrica de Projéteis de Artilharia do Exército.

Assim, desde sua origem, o Grajaú comporta "espaços com usos e conteúdos diferentes", que ainda hoje se expressam na diversidade dos equipamentos urbanos disponíveis em cada um dos mesmos e nos diferentes valores dos imóveis (Cardoso, 1989: 99) e que se manifesta também nas diversas percepções a respeito do bairro, de suas fronteiras e relações de pertencimento.

Fronteiras e limites

Para muitos dos *moradores antigos*⁹, residentes na área do primeiro loteamento, o bairro legítimo corresponde à configuração original do Grajaú, sendo espúria (por interesses eleitoreiros ou de especulação imobiliária) a sua ampliação em direção ao Andaraí. Dessa fronteira simbólica ressentem-se os moradores da parte *nova*, a área do Vila América.

Aqui [na relação de ruas constante do PEU] você vê os limites do nosso bairro. Todas essas ruas pertencem ao Grajaú ... Se bem que eu considero o bairro do Grajaú da Visconde de Santa Isabel até a Borda do Mato. Essa parte foi criada depois, pegou uma parte do Andaraí velho ... e, por incrível que pareça, um pedaço da rua Vianna Drumond, um pedaço da Teodoro da Silva, um pedaço da Mendes Tavares. Eu não sei, mas pelo PEU é Grajaú. (Santos, morador na área do 1º loteamento).

Eu acho o seguinte, esse pedaço daqui da Borda do Mato prá cá, pra' Visconde de Santa Isabel ... esse miolo aqui é o Grajaú. Fizeram o bairro do Grajaú e aquelas ruas dali foram sendo incorporadas, acho que eram duas fazendas. ... essa daqui foi depois do meu nascimento, em 1924 ou 25. O Largo Verdun também não é Grajaú ... (Odete, moradora na área do 1º loteamento).

Você já vê que é outro Grajaú ... isso é na visão dos que estão no poder... que só fazem pela Praça Edmundo Rego (Luís, morador na área do Vila América).

Quanto às favelas existentes no bairro, dos moradores que entrevistei, antigos ou novos, residentes em suas diversas regiões, bem poucos as consideraram incluídas no Grajaú. É recorrente a sua localização por uma referência de externalidade em relação ao bairro, isto é, como favelas do Grajaú; quase nunca no Grajaú. O limite é marcado com medo e preconceito.

Grajaú é só asfalto (Guilherme, morador na área tida como periferia do bairro)

O morro ... aquilo ali é violência que traz para o nosso bairro e enfeia aqui (Norma, moradora na área do Vila América).

[O PEU e, portanto, o bairro] não vai até o fim da rua. Então, por exemplo, Ferreira Pontes, Botucatu, Caçapava, Campinas ... é tudo limite. É o que eles chamam agora de "comunidade do alto" para não dizer que é favelado. Eles têm uns nomes bonitos. (Tavares, nascido no bairro, morador na área do 1º loteamento).

Traçar os limites do bairro excluindo as favelas não é, porém, uma operação de autoria primária de meus entrevistados. Antes, como Burgos ressalta, desde o Código de

⁹ Uso o itálico para indicar expressões ou categorias de meus entrevistados.

Obras de 1937, que definiu as favelas como "espaços urbanos deformados", habitações ilegais, antros de promiscuidade, vício e crime que deveriam ser extintas pela remoção de seus moradores, sua inclusão nos mapas oficiais da cidade permaneceu interdita. Só com a aprovação do Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro, em 1992, que previu a "urbanização e regularização fundiária de favelas e loteamentos de baixa renda" para integrá-las aos bairros da cidade, foi estabelecida a inclusão das favelas nos mapas e cadastros da cidade (Burgos, 1998: 48).¹⁰

Os relatos acima, porém, chamam a atenção para as diversas construções possíveis do bairro. A fluidez de suas fronteiras pode se relacionar às mudanças de seus limites promovida pela Prefeitura, como examinamos. Ou ainda, a uma eventual imprecisão na definição dos mesmos.¹¹ Pode se somar também à existência no bairro de vários elementos que tendem a ser percebidos como "estruturadores do espaço": ruas de grande movimento (como as ruas Barão de Mesquita e Barão de Bom Retiro) e "limites de ordem física (como as Serras do Andaraí e do Engenho Novo) (Colchete Filho, 1995).

De um outro ângulo, entretanto, podemos perceber uma construção do bairro através das representações que lhes são associadas, promovendo uma "estruturação" do espaço social do Grajaú.

A construção social das imagens associadas ao Grajaú

Um bairro *de elite*, o *bairro-jardim*

Apesar da diversidade de regiões apontada, entre os moradores prepondera a representação do Grajaú como *bairro nobre*, *de elite*, *familiar* (termos que se apresentam fortemente associados nas entrevistas), mesmo entre os que habitam na área do antigo Vila América ou na área considerada como periferia do bairro.¹²

O Grajaú nasceu para ser bairro de descanso, de elite, no começo do Grajaú você só encontraria aqui almirantes, brigadeiros, deputados federais. Tancredo morou aqui na Barão de Bom Retiro. [Francisco] Dornelles estudou na Duque de Caxias e morou aqui no Grajaú. Naquela época, a Câmara Federal era aqui e o Grajaú estava nascendo como bairro e era tranquilo porque eram duas fazendas. O Grajaú nasceu de duas famílias. ... é um bairro conservador, por exemplo, o vovô, o cidadão morou aqui e ficou a filha e agora estão morando os netos (Guilherme, morador na área tida como periferia do bairro).

E trazia também a família e tudo ...o clube, o Grajaú Country Clube, é mais família conservadora, as mais nobres do Grajaú. É um clube tradicional de elite. ... Eu nunca fui burguesa, se tem que falar uma palavra correta é essa, nunca fui a clube fazer ginástica, nem nadar, nem fazia parte desse negócio que é a burguesia do Grajaú. Mas esse é o bairro [em] que a gente quer criar nossos filhos, porque era realmente maravilhoso (Norma, moradora na área do Vila América).

O Grajaú é uma província. O que eu mais gosto, digamos assim, no Grajaú ... gostar eu gosto de tudo, mas o que eu mais gosto é o ar que nós respiramos, o ambiente de vivermos os moradores,

¹⁰ O que só ocorre efetivamente em 1996, quando o IPLANRIO inclui no mapa oficial da cidade as seiscentas favelas cariocas. Cf. *O Globo*, 31/3/1996.

¹¹ Para um exemplo pontual: "A primeira rua do bairro, a Borda do Mato, foi, no entanto, a última a ser calçada, pois ficava no limite entre as duas firmas [loteadoras] ... que calçaram todas as outras ruas do bairro, A Borda do Mato foi, enfim, pavimentada pela Prefeitura ...", "Grajaú: um bairro jovem", *O Globo*, 16/12/1968.

¹² Examinaremos adiante as estratégias de inclusão desses moradores na parte do bairro reputada como de elite, da qual em princípio estariam excluídos.

embora hoje o Grajaú esteja um tanto assim misturado, infelizmente favelas, essa coisa e população carente ... (Santos, morador na área do 1º loteamento).

Aqui é muito provinciano, se você começar a viver o dia a dia ... tem muitas raízes históricas até pela hereditariedade da população, aqui ... vai contar o neto de não sei quem, o pai mora, o avô já morreu. Se não morreu, ainda mora e a Igreja é muito representativa. [...] Eu não vou mencionar o nome, mas tem um cara que se queimou na comunidade e na pastoral e não arruma mais nada ... Comportamento familiar não condizente com a estrutura da província, queimou. [...] É uma comunidade mais selecionada.... (Tavares, morador na área do 1º loteamento).

Nestes e em outros relatos, as categorias *nobre* e *de elite* encontram-se fortemente associadas às de *familiar* e *conservador*, denotando que a imagem do Grajaú como um *bairro de elite*, embora ainda se fundamente no pertencimento de classe de seus moradores, atualmente abre uma possibilidade de inclusão dos estratos médios que moram em suas áreas menos valorizadas. É a associação do morador do bairro com a *família conservadora* que requalifica a *elite* no plano moral, trazendo implícita uma desqualificação de quem a ela não pertence. A fala de Santos opera com uma representação de favela, como **locus** e expressão de uma população caracterizada por atributos morais negativos, que há muito integra o imaginário da cidade (Valladares, 1991 e 1998; Leite, 2000a). Ao fazê-lo, demarca uma outra oposição, qual seja, entre *bairro nobre/de elite* e *bairro misturado*, entre o morador do bairro e o favelado.¹³

Desse ângulo, a tranqüilidade e a sociabilidade do Grajaú, que também permanecem sendo exaltadas, são formuladas como características que expressariam o "espírito do bairro", manifestando-se tanto no ambiente físico quanto no social. Essas duas dimensões se entrecruzam na representação do Grajaú como o *bairro-jardim*, *a urca sem praia*, *uma província*. Representações que são recorrentes nos depoimentos de meus entrevistados¹⁴, nas imagens popularizadas nos jornais de grande circulação e em publicações específicas do bairro que se reforçam mutuamente na construção das imagens associadas ao bairro.

As reportagens antigas sobre o bairro recorrem claramente a essas representações, como nos exemplos a seguir:

"A quietude e a tranqüilidade transformaram o bairro numa cidade à parte, onde todos se conhecem, nascem, crescem e morrem sob a proteção de N. S. do Perpétuo Socorro ..." ("Grajaú: o Bairro do Amor", O Globo, 12/5/1967).

"Não se passeia mais ao redor das praças, mulheres para um lado, homens para o outro, mas todos se conhecem, como antigamente, e dão conselhos e se preocupam com o namoro da filha do Mário com o que foi noivo da Clarinha ..." ("História do Grajaú: são 50 anos de lirismo, Christine Ajuz, Jornal do Brasil, 11/11/1973).

Mais interessante é observar que várias dessas reportagens foram transcritas, nos anos 90, nas publicações locais, especialmente no *Almanaque do Grajaú*. Textos e poemas

¹³ Para a associação no plano moral dos termos nobre, de elite, familiar e conservador em oposição a misturado e favelado, lembrar o duplo sentido de nobre, apontado por Elias e Scotson: "o termo 'nobre' preserva o duplo sentido de categoria social elevada e de atitude humana altamente valorizada, como na expressão 'gesto nobre'; do mesmo modo 'vilão', derivado de um termo que era aplicado de um grupo social de condição inferior e, portanto, de baixo valor humano, ainda conserva sua significação neste último sentido - como expressão designativa de uma pessoa de moral baixa" (2000: 19, grifo dos autores).

¹⁴ Este "espírito do bairro" é reconhecido mesmo por aqueles que negam sua pertinência e buscam combatê-lo através da atuação política comunitária e/ou partidária.

com o mesmo teor também foram publicados com regularidade nos jornais locais.¹⁵ Trata-se, sem dúvida, de uma romantização do passado, mas que não se esgota em pura nostalgia. A republicação desses textos como reconstrução de uma memória coletiva desenvolve-se segundo uma lógica, em que "o presente age como um filtro e seleciona pedaços de lembranças recuperando-as do esquecimento" (Ortiz, 1994: 79). Assim, presente e passado fundem-se na construção social da imagem do Grajaú como um *bairro nobre ou de elite*.

Difundida entre seus moradores, esta representação não lhes é exclusiva, transcendendo o próprio bairro¹⁶, mas sobretudo constitui uma das referências centrais da identidade coletiva de seus moradores, que se intitulam *grajauenses*.

Os grajauenses

Todos os meus entrevistados, moradores do Grajaú, tinham uma história de amor pelo bairro para contar. Alguns lá nasceram e foram criados e enfatizam o sentido de permanência e pertencimento ao bairro. Outros optaram, há muitos anos, por nele morar.

Toda a família é grajauense. Nascermos no bairro ... eu, meu pai, meus irmãos sempre amamos o Grajaú, sempre prestigiamos o bairro. Estudamos nas escolas públicas daqui, fomos atletas dos clubes e até hoje participamos dos eventos e colaboramos nas campanhas (Quito). Eu morava na rua Canavieiras, aí meu pai vendeu a casa, mudamos de rua, mas nos moramos toda a vida aqui (Odete).

Tenho vontade de fazer uma lei criando um cemitério no Grajaú, lá em cima, na Borda do Mato (Santos, morador do bairro há 50 anos, desde seu casamento com uma grajauense).

Vim ao Grajaú com o deputado federal Fernando Ferrari... era deputado federal pelo Rio Grande do Sul e candidato a Presidente da República ... gostava muito de mim e um dia ele me convidou: – vamos ao Grajaú, eu tenho que visitar um amigo?' Aí foi quando eu conheci a igreja, conheci a capelinha. Isso em 1960, então gostei muito do Grajaú. ... era diferente... só casas. Em 1963 eu conheci ... minha esposa, ela nasceu no Grajaú e a minha sogra mora aqui há 72 anos. Então eu frequento o Grajaú desde 63. (...) Eu amo o bairro ... minhas filhas, meus netos nasceram no bairro. Depois de ... minha cidade natal no Ceará, minha segunda cidade é o Grajaú (professor).

Meus filhos vieram para cá um dependurado com quatro meses, o outro com dois, hoje está com 26 ... A primeira vez que eu vim no Grajaú me apaixonei ... morava na Tijuca. (Norma).

É perceptível nos depoimentos dos últimos a preocupação em ressaltar as relações

¹⁵ Refiro-me aos seguintes jornais: Questão - Informativo do Grajaú, Jornal (do) Grajaú, Atualidades, Grajaú em Prosa e Verso, AMGRA [Associação de Moradores e Amigos do Grajaú] Informa. Para um exemplo dos poemas citados, vide o soneto "Grajaú é um jardim", de Isaías Filho: "Grajaú é um jardim n'outro jardim/ Ninho de amor plantado entre arvoredos/ Onde brincam crianças, em folgedos,/ quais passarinhos num canto sem fim .../ Bairro familiar dos meus encantos,/ De beleza sem par, qual noiva linda,/ Adornada de luz, de graça infinda,/ Grajaú de meus sonhos e acalantos .../ Tuas manhãs de sol e teu luar/ Enchem de paz e amor os corações,/ Deixam minh'alma estática a sonhar!/ Em ti, tudo é beleza e poesia,/ És um ninho de amor e de emoções,/ Jardim de paz e de eterna magia!" (Almanaque do Grajaú, I, 1: 12).

¹⁶ Recentemente, por exemplo, esta imagem social do bairro foi acionada pelo jornal o Globo para legitimar um projeto de realização de serenatas em uma de suas praças ("Serenatas no Grajaú lembram o romantismo do início do século", O Globo - Tijuca, 26/8/1999). Uma coluna social também a ela recorreu na representação de um lugar da cidade que expressasse um "tempo antigo": "vá para o Grajaú ... existem ruas cheias de árvores, com pequenas casas, com pequenos quintais, onde se pode pensar que a felicidade ainda existe. ... como deve ser bom morar ali, longe dos computadores, das placas de modem e dos grampos telefônicos, num bairro em que as mulheres não fazem dieta e nunca ouviram falar da etiqueta Prada", "Coluna da Danuza - um bom programa", Jornal do Brasil, 21/11/1998. Ver, para as tensões que alteram este modelo, a nota 22.

através das quais entraram no bairro e a estabilidade das mesmas, como um indicador da rede social que cultivam e de como a partir dela se situam e se qualificam no bairro. Ao fazê-lo, estão construindo sua identidade como *verdadeiros grajauenses*, num diálogo com os moradores mais antigos do bairro para os quais, via de regra, é o tempo de moradia no bairro, associado à área de residência como indicativo do grupo social a que se pertence (a *elite*, a *burguesia do bairro*), que define o *grajauense de raiz*. Tal como na comunidade de Wiston Parva pesquisada por Elias e Scotson (2000), também no Grajaú o princípio de antiguidade fundamenta o prestígio e o poder deste grupo, que assim constitui uma espécie de **establishment** local. Os *moradores antigos* são também os mais influentes, os principais formadores de opinião no bairro e/ou aqueles que legitimamente aspiram aos ou detêm os cargos de representação comunitária e política.

Os outros são os *novos* ou os estranhos, cuja identidade em princípio não se constrói tendo por referência o bairro, suas tradições e seus interesses, mas o trabalho, partido, o sindicato ou outra rede social. Assim, é recorrente a remissão ao tempo de moradia como uma referência positiva ou negativa da pessoa de quem se fala. D. Odete, nascida no Grajaú, espanta-se, por exemplo, com o que considera uma pretensão despropositada de uma *moradora nova* em representar o bairro, candidando-se à AMGRA: *mas ela é nova no bairro, só tem uns 10, no máximo uns 18 anos no Grajaú*.

De um outro ângulo, podemos observar a força dessa construção identitária do *grajauense* revelar-se em sua reafirmação mesmo por quem a ela se opõe, buscando redefini-la pela política comunitária:

*"Nós fundamos o Acorda Grajaú (um movimento de oposição à AMGRA) e começamos a conscientizar as pessoas ... e conseguimos passar que nós éramos moradores do bairro ... que nós estávamos interessados na melhoria. O Fernando, por exemplo, nasceu no bairro. O [fulano] tem duzentos anos de Grajaú; tinha um **handicap** ali da nata do Grajaú. [Beltrano] mora no Grajaú também há centos anos ... é sócio do Grajaú Country. Então, quer dizer, a vida toda social do bairro Aí [na disputa eleitoral] eu fiz esse discurso ... eu só tenho vinte anos de bairro (Luís).*

No conjunto dos depoimentos estava presente essa relação entre o tempo no bairro e a respeitabilidade, a credibilidade e a ascendência que o *morador antigo* tem sobre os demais. No ponto extremo desta lógica, os moradores mais novos são pouco levados em consideração. Há, contudo, uma possibilidade de relativização do tempo de moradia no bairro, desde que o *morador novo* realize algo que demonstre sua fidelidade ao mesmo, trabalhe para/por ele e cultive suas redes sociais do bairro, tornando-se conhecido e respeitado.

O Santos tem uma política, o presidente [da AMGRA] é quem manda, então tem que ser a linha dele, aí eu disse assim: - 'você nunca vai me mudar, porque eu sou do bairro há mais tempo, eu não sou tão velha quanto você, mas eu já tava acostumada a trabalhar com o pessoal há mais tempo, eu dava aula, eu ia visitar os doentes... Eu já participava da AMGRA ... mas como comunitária... (Norma).

Ando no bairro muito, sempre com meus filhos. Há mais de 15 anos levando pela mão o tempo todo, levando na escola, frequentando os bares, o comércio, o mercado. Só não vou à igreja. Só fui umas duas vezes. Em missa, não. Isso tornou-me mais público Eu achava interessante a gente participar [dos eventos do bairro]. Não só pelo trabalho, mas até pra você continuar ... não em evidência, mas conhecido. ... que você está participando do movimento do bairro, do interesse do bairro. ... Qual é a pessoa que ... discute política, futebol na padaria de segunda a

segunda que nem eu faço? ... Minha mulher reclama muito: - "Você fica mais no partido, no bairro do que em casa" (Luís).

A atividade comunitária, a freqüentação de suas redes sociais e a demonstração do *amor pelo bairro* são, portanto, algumas das estratégias de inclusão dos *moradores novos* no bairro. Através das mesmas podem, enfim, ser reconhecidos como *grajauenses* pelos *moradores antigos* e, assim, compartilhar do *bairro nobre* do qual a princípio estariam excluídos.

Um bairro proletarizado e violento, cercado por um cinturão de favelas

Se a imagem do Grajaú é de um *bairro nobre*, a do Andaraí, do Engenho Novo e do Lins de Vasconcelos, limítrofes ao Grajaú, é de bairros proletarizados. O Andaraí, que me interessa mais de perto, surgiu e se desenvolveu, em meados do século passado, concentrando fábricas e vilas operárias. Traduzia assim o tipo de desenvolvimento urbano por que passava o Rio de Janeiro, que combinava a elitização de espaços urbanos centrais e a periferação das classes de baixa renda. Além disso, como se sabe, uma das conseqüências deste modelo, com a remoção dos cortiços e, em seguida, das moradias precárias nos morros da área central da cidade, foi a ocupação das áreas de encostas, públicas e privadas, em regiões onde houvesse oferta empregos industriais, no comércio e/ou domésticos (Abreu, 1987; Leite, 2000b). Assim foram surgindo favelas nas encostas do bairro (Arrelia, 1891; Andaraí, 1930; Buraco Quente e Jamelão, 1941 e Morro do Cruz, 1950), como também entre Grajaú e Lins de Vasconcelos (Morro do Encontro, 1931).

O Grajaú, ao contrário, teve um processo de favelização mais recente. Embora o Censo de Favelas de 1948 registrasse a existência da favela da Caixa d' Água ou Vila Rica na rua Borda do Mato, com 20 domicílios, a maior parte das favelas do bairro surgiu a partir dos anos setenta. Há registros também de remoção de quarenta e sete famílias de uma favela na região que hoje compreende a Reserva Florestal para um conjunto da CEHAB em Antares, Campo Grande, em 1976; Nova Divinéia formou-se em 1971; João Paulo II em 1979 e Juscelino Kubitschek nos anos 80 (Leite, 2000b).¹⁷

Entretanto, o vale em que se situa o bairro é circundado por vários morros, que atualmente se encontram ocupados por diversas favelas, dispostas em uma espécie de ferradura em torno do *asfalto*. Além das quatro favelas citadas acima (Borda do Mato, Nova Divinéia, João Paulo II e Juscelino Kubitschek ou Caçapava), vale mencionar duas outras favelas que se situam exatamente nos limites do bairro, ao nível das encostas (uma das justificativas para serem, como veremos adiante, ora excluídas, ora incluídas no bairro): a do Jamelão, no Morro do Andaraí e a do Encontro, na Serra do Engenho Novo, cortada pela estrada Grajaú-Jacarepaguá. Já as ruas mais exteriores ao bairro encontram-se voltadas, um lado, para a favela Parque Vila Isabel, situada em Vila Isabel; de outro, para as favelas de Arrelia, Andaraí e do Morro do Cruz, situadas no Andaraí.¹⁸ Assim, forma-se o que um de meus entrevistados designou como um *cinturão de favelas* ao redor do bairro, gerando um sentimento de insegurança e medo em seus moradores.

Do Andaraí para cá, você tem quatro ou cinco favelas, é Jamelão, é JK, é João Paulo, é Nova Divinéia, é Andaraí. Tudo isso na encosta. E a gente ainda pega a rebarba do Encontro. Hoje a

¹⁷ Notar que o desenvolvimento das favelas se verifica à época em que o bairro se amplia em direção ao loteamento Vila América.

¹⁸ Vide o mapa 3, anexo.

encosta [é] toda habitada, coisa que na época que eu era moleque aqui não tinha. O Grajaú acabava, não tinha a Comendador Martinelli, a Canaveira, a favela que tem hoje (Tavares).

Quando nós chegamos aqui, não existia morro, não existia favela no alto do Grajaú. (Norma).

Quando vim pra' cá não tinha nenhuma favela ... mas depois elas proliferaram ... mais ou menos em 63-64. Começaram lá em cima na Borda do Mato e dali foram se expandindo, foram até o Morro do Andaraí, e vieram João Paulo, a Divinéia, Caçapava e não satisfeitos com isso vieram para o lado de cá também, que é o Morro do Encontro na subida da Grajaú-Jacarepaguá, ameaçando a Reserva. ... É o problema que assola todo o Rio de Janeiro, segurança ... nós somos cercados por um cinturão de favelas (Santos).

Mas esses depoimentos também nos revelam uma percepção das favelas, que é bem posterior à sua origem no bairro. O que pode indicar que as primeiras construções em suas encostas não fossem percebidas como favelas. Sugestivo a este respeito é o relato de Seu Adail Meireles, que em 1939 se estabeleceu com mulher e três filhos num barraco na encosta da atual Rua Comendador Martinelli (então uma pedreira), onde criava animais (bois, porcos, cabras e cavalos) e produzia adubo e terra estrumada que vendia *pra jardim de madame*:

Comecei a ganhar a minha vida aqui, alugando cavalos na Praça Edmundo Rego. Naquela época eu tinha 17 anos, era forte, cheio de esperanças, e me apaixonei por esse lugar, onde as pessoas se gostam de verdade. Agora, tenho tido alguns problemas com vizinhos, pois acham que não posso continuar mantendo esta vida aqui. Eu não quero brigar com ninguém, mas também não vou abandonar o meu mundo. ("História do Grajaú: são 50 anos de lirismo", de Christine Ajuz, Jornal do Brasil, 11/11/73).

Não pude recuperar a história deste personagem, que possivelmente foi um dos removidos para o conjunto habitacional em Antares. Mas, talvez não seja casual que seus *problemas com vizinhos* tenham ocorrido exatamente no período (1968-75), em que a via "remocionista" dominava a política para as favelas nos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, sob o comando da Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Grande Rio/CHISAM. A erradicação como alternativa exclusiva para as favelas decorria da definição de favelas com que operava a CHISAM: espaços em que a degradação urbana somava-se à degradação moral e cultural de seus moradores (Burgos, 1998).¹⁹ Esta formulação consistiu em um dos pontos de apoio para a tematização das favelas do ponto de vista moral, como apontei anteriormente.

Gostaria de destacar, no entanto, que, a partir de meados dos anos 80, quando se desenvolveram novas modalidades de violência no Rio de Janeiro associadas a dinâmicas do tráfico de drogas com sua ponta de distribuição entrincheirada nos morros da cidade, as favelas começaram a ser vistas como um problema de segurança pública.²⁰ Desde então, o Grajaú, a exemplo de outros bairros da cidade, passou a ser palco de inúmeros episódios violentos associados às redes de tráfico. Para seus moradores, sua segurança seria especialmente vulnerável devido às "balas perdidas" no confronto entre quadrilhas rivais entrincheiradas em alguns dos morros de seu *cinturão de favelas*.

¹⁹ No caso, ainda se somam as pressões pela criação da Reserva Florestal do Grajaú, ocorrida em 1978, segundo uma lógica de preservação ambiental, mas também de obtenção de um novo espaço de lazer no bairro. Hoje, a Reserva é representada como o *quintal da família grajauense*; lá se realizam caminhadas ecológicas, atividades de escoteiros e alpinistas, festas de aniversários, peças de teatro, piqueniques, etc. Cf. <http://www.marlin.com.br/~grajau/>

²⁰ Ver para o ponto (Zaluar, 1998; Leite, 2000a).

Com a chegada do Brizola, talvez com a intenção de resolver o problema por posse da terra ... estimulou o crescimento das favelas. Miro Teixeira botou água na [Nova] Divinéia e valorizou muito o Morro do Encontro, sempre ameaçando a Reserva. Então o Grajaú ficou cercado de favelas. Isso desvalorizou muito as casas, muita gente saiu do bairro. Das famílias dos anos 50, 60% foram embora (Quito).

Também na imprensa carioca, a imagem do bairro vem sendo ligada à violência, como caso exemplar na cidade da difícil convivência entre favela e *asfalto*.²¹ Nos últimos anos, as representações bucólicas vêm convivendo com (e, em algumas circunstâncias, sendo substituídas por) a imagem de *bairro violento* e *campeão de balas perdidas*, sistematicamente difundida nos jornais de grande circulação²² e, como pude verificar em minhas entrevistas, crescentemente incorporadas à percepção dos moradores. Num certo sentido, o Grajaú parece ter sofrido, na década passada, o mesmo movimento por que passou o Rio de Janeiro no período: transitou de *bairro jardim* a *campeão de balas perdidas*, no mesmo processo e ritmo em que o Rio transitava de "cidade maravilhosa" a "cidade partida"²³.

Em decorrência, o Grajaú se refaz. Além de passar por sucessivos processos de ampliação de seu território e de redefinição das relações de pertencimento de segmentos de seus moradores proletarizados, o bairro também vem sendo reorganizado espacial e simbolicamente, ao se defrontar com o tema das favelas. Ou melhor, quando seus moradores se deparam com o dilema (que, de resto, parece ser também de todos os habitantes da cidade do Rio de Janeiro) de integrá-las ou não, definindo suas fronteiras e passagens.

História e memória do/no Grajaú

Quando iniciei meu trabalho de campo no Grajaú, tinha em mente uma configuração territorial e social do bairro. Logo descobri que os bairros são construções sociais, em que os limites oficiais nem sempre são claramente definidos e, quando o são, não necessariamente correspondem ao bairro na apreensão de seus moradores, pois tanto as fronteiras espaciais quanto as simbólicas são fluidas, envolvendo estratégias de exclusão e de inclusão, barreiras e passagens. A linha de trabalho que desenvolvi, então, foi procurar apreender a percepção do bairro de meus entrevistados, buscando em suas memórias a história do Grajaú.

Em seu livro pioneiro no campo dos estudos da memória no Brasil, Ecléa Bosi sustenta que a memória do indivíduo não é a "subjetividade livre a que se referia Bergson", mas "depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência

²¹ Para um exemplo pontual, ver o quadro "Bairros de alto risco" com texto e imagens (mapas e diagramas) operam com a idéia de *cercos das favelas*, *Jornal do Brasil*, 2ª ed., 17/3/97.

²² Em 1994/95, o Grajaú começou a aparecer sistematicamente na imprensa por problemas de segurança pública. Num primeiro momento, as reportagens ainda oscilavam entre uma dupla representação do bairro (bairro-jardim/bairro violento): "Sossego do Grajaú é coisa do passado", Hilka Telles, *O Globo*, 4/6/1995; "Moradores reclamam mais não se mudam", *O Globo*, 16/7/1995; "Grajaú, de paraíso a área de risco", Márcio Tavares, *O Globo - Suplemento Bairros*, 12/12/1996. Progressivamente, entretanto, destacavam o segundo pólo desta relação: "Laranjeiras e Tijuca, reféns do medo", *Jornal do Brasil*, 2ª ed., 17/3/97; "Bala perdida m

ata coronel no Grajaú", *Jornal do Brasil*, 17/2/98; "Criança é maior vítima de bala perdida", *Jornal do Brasil*, 5/11/1998; "Insegurança: o drama de cada vítima", *O Globo*, 2ª ed., 23/4/98 e "Sucessão de mortes em nove anos", *Jornal do Brasil*, 5/11/98; "Estudante é atingida por bala perdida no Grajaú", *O Globo*, 21/8/00.

²³ Para uma análise deste processo na cidade do Rio de Janeiro, ver (Leite, 2000a).

peculiares a esse indivíduo" (1994: 54). Com isso Bosi, de um lado, destaca "a iniciativa que a vida atual do sujeito toma ao desencadear o curso da memória". De outro, enfatiza que aquilo que o indivíduo lembra, quando lembra e como lembra é uma construção coletiva, que se explicaria a partir dos quadros sociais da memória, nos termos de Halbwachs: "os instrumentos de que a memória coletiva se serve para recompor uma imagem do passado que se combina, a cada época, com os pensamentos dominantes da sociedade".²⁴ Também Ortiz nos lembra que a memória é seletiva e "se atualiza sempre a partir de um ponto do presente." Para o autor, "os relatos de vida estão sempre contaminados pelas vivências posteriores ao fato relatado e vêm carregados de um significado, de uma avaliação que se faz tendo como centro o momento da rememoração ... " (1994: 79).

No caso de meus entrevistados, percebi, em alguns depoimentos, que o tema da história do Grajaú subsumia os demais. A vida individual fundia-se e confundia-se com a história do bairro, os relatos buscavam colocar em relevo certas conexões entre trajetórias particulares e processos sociais. O passado era contado a partir de alguns traços considerados expressivos na vida atual do bairro, numa reconstrução que valorizava elementos e personagens que representavam ou que poderiam estabelecer uma relação com o presente. Recolhi, assim, várias versões sobre a história do Grajaú, diferentes reconstruções históricas sobre sua origem, data e local de fundação, atores envolvidos e modo de expansão.

No curso de minha pesquisa, já havia examinado a evolução urbana da região, detendo-me nas análises sobre a integração do Grajaú à malha urbana da cidade a que me referi anteriormente. Mas não se tratava de equacionar as contradições verificadas nos depoimentos, recorrendo a essas fontes para restaurar a "veracidade dos fatos" (Ortiz, 1994; Novaes, 1996). Até porque, seguindo a perspectiva de que "são justamente as narrativas construídas - em suas dimensões identitárias e simbólicas - que devem se transformar em objeto de reflexão sociológica" (Novaes, 1996: 188), o que me interessava era examinar como aqueles fatos e processos foram percebidos e a história do bairro foi reconstituída em narrativas que destacavam alguns eventos do passado, por concebê-los articulados segundo lógicas que possivelmente então constituíam, cada qual, apenas uma virtualidade entre outras, mas que parecem ter sido, à época, plenas de sentido.²⁵

Assim, considere as diversas versões da história do Grajaú como narrativas que dialogavam entre si, enquanto buscavam refazer o passado, reconstruindo a memória coletiva. Ao fazê-lo também disputavam a versão oficial da história do Grajaú. Acompanhando estes movimentos, pude observar que, através deles, também se encontravam em disputa a identidade dos *grajauenses* e a possibilidade de representação dos mesmos na política comunitária e partidária.

As várias versões da história do Grajaú: construindo a memória coletiva

Ao longo do trabalho de campo, conheci e entrevistei vários personagens que se

²⁴ Cf. M. Halbwachs, *Les cadres sociaux de la mémoire*, Paris, Presses Universitaires de France, 1925, p. XVIII **apud** Santos, 1998: 156.

²⁵ "As narrativas sempre buscam dar uma lógica **a posteriori** a um conjunto de eventos que em seu acontecer social não contém essa lógica em si, pois a cada momento deste acontecer está em jogo uma disputa de um conjunto de forças cujo resultado não está dado a priori (Thompson, 1987). Certamente na memória coletiva se silenciaram outras vozes e virtualidades daquele momento" (Novaes, 1996: 194).

apresentavam como portadores da memória do bairro, ora por serem moradores muito antigos (*grajauenses de raiz*), ora por terem pesquisado sua história, ou ainda por atuarem como os seus promotores/divulgadores. No plano do bairro, eram atores que disputavam qual seria a "verdadeira" história do Grajaú.

Através de seus relatos, de diversas publicações locais e de outras fontes, pude acompanhar dois momentos desta disputa. Um primeiro, ocorrido no início dos anos noventa, com acirrada polêmica entre duas versões sobre a data e o local de fundação do bairro, bem como sobre seu modo de expansão. O segundo estava em curso naquele ano de 1999, quando realizei minhas entrevistas. Articulado vários grupos e atores já em torno de três versões sobre a origem e desenvolvimento do bairro, associava-se a dois processos eleitorais: para a associação de moradores local, ocorrido em setembro de 1999, e para a Câmara de Vereadores, previsto para outubro de 2000.

O primeiro momento: o Grajaú faz oitenta anos?

Em 1993, um dos grupos do Grajaú resolveu comemorar o aniversário do bairro. Constituiu uma comissão integrada pelos dirigentes da Associação Comercial e Industrial do Grajaú e da AMGRA, por diretores de escolas, presidentes de clubes e pessoas de prestígio para definir a data de sua fundação. Na ocasião, o então presidente da Associação Comercial e Industrial do Grajaú solicitou a um professor de literatura, morador no bairro há aproximadamente trinta anos, que pesquisasse a sua origem. É o professor que nos conta:

*O Grajaú não tinha data de fundação. Aí o presidente da Associação Comercial me pediu para pesquisar. Depois, em 1994, ele fez várias reuniões com as lideranças do bairro, lá no clube da Light, para decidir que data fixar.*²⁶

O professor era também poeta e, declarando-se um *apaixonado pelo Grajaú*, cultivava a sua memória, reunindo e divulgando poesias, textos e reportagens sobre o mesmo em diversas publicações que organizou.²⁷ O que parece ter motivado a atribuição da tarefa, foi ter publicado, em 1992, o livreto "Capela de N.S. de Imaculada Conceição", em que já enunciava os elementos básicos de sua versão sobre a história do bairro, ao mesmo tempo em que reconhecia a existência de uma polêmica sobre a mesma.²⁸

Segundo o professor, o Grajaú nasceu com a inauguração da primeira casa na esquina das atuais ruas Grajaú e Barão de Bom Retiro. A casa foi construída por um dos arquitetos do loteamento da Companhia Brasileira de Imóveis e Construções, Francisco Tricárico. Quatro anos depois, Tricárico construiu em seu quintal uma capela consagrada a

²⁶ A categoria *liderança* é empregada, tanto no relato do professor, quanto em matéria sobre o tema ("80 ou 69?") publicada no *Jornal Grajaú*, n° 36, como pessoas de projeção no bairro, que ocupam algum cargo eletivo ou de representação do mesmo.

²⁷ Vide *Capela de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Marco histórico e sócio-religioso do Grajaú, Bairro-Jardim da cidade do Rio de Janeiro*, RJ, 1992; *Almanaque do Grajaú. Bairro-Jardim da Cidade do Rio de Janeiro*, Ano I, vol. 1, RJ, 1994; *Uma lenda no Grajaú*, RJ, 1998 e *Grajaú em Prosa e Verso*, n°s 1 a 31, RJ, janeiro a agosto de 1998. Atualmente, o professor organiza o segundo número do *Almanaque*.

²⁸ Esta aliás é também referida em reportagem de 1973: "Hoje, são muitas as controvérsias sobre o verdadeiro nascimento do Grajaú. Uns afirmam que a escritura de venda foi assinada em 1911 ... Outros, têm certeza de que até 1920 ainda existiam as duas fazendas ..." ("História do Grajaú: são 50 anos de lirismo", *Jornal do Brasil*, 11/11/1973). Outros indícios dessa polêmica são as tentativas de demonstrar uma neutralidade diante da questão: as reuniões foram realizadas na Associação Atlética Light e não em um dos dois clubes do bairro que já se vinculavam às versões concorrentes; a preocupação em oficializar uma comissão para definir a data de fundação, a solicitação formal ao professor de realização de uma pesquisa e o registro das reuniões em ata.

N. Sra. da Imaculada Conceição, onde se realizavam os serviços e festividades religiosas da região, até ser construída, em 1931, a Igreja Matriz de N. Sra. do Perpétuo Socorro, na Praça Edmundo Rego. O nome do bairro seria uma generalização do que originalmente era a denominação da rua da casa e da capela.

O nome grajaú é indígena, quer dizer um cesto que os índios usavam pra carregar frutas, caça. O Grajaú tem o formato de um cesto, é um vale cercado de montanhas. o rapaz que deu o nome ao Grajaú se lembrou disso. ... foi um engenheiro que veio trabalhar na Companhia com o Engenheiro Richard e o Tricárico ... tinha uma vereda muito antiga ... que era a Borda do Mato, era a vereda mais antiga, mas pertencia a uma outra companhia, era outro loteamento ... então esse engenheiro que ... nasceu na cidade de Grajaú no Maranhão ... pegou um pedaço de tábuas bem grande e escreveu "Grajaú" e enfiou ali na entrada de uma passagem que tinha. O povo começou a dizer - "vamos passar pela vereda Grajaú", depois transformou-se em Rua Grajaú e a rua deu o nome ao bairro.

A versão do professor é, portanto, que o bairro nasceu na rua Grajaú, a partir da casa de Tricárico, sobretudo em torno da capela.

É a rua mais importante do bairro, nesse livrinho ... faço até um soneto, Soneto da Rua Grajaú, posso ler? "A Rua Grajaú tem sua história/ contada com carinho e muito amor/ deu nome ao bairro conquistando glória/ tem os seus dias de paz e de esplendor/ em torno da capela tão mimosa/ nasceu o Grajaú bairro-jardim/ casas e ruas largas bem formosas/ enfeitadas de flores e jasmims/ gosto de contemplar-te sempre bela/ onde as aves felizes nos seus ninhos/ cantam em festa/ meigas e singelas/ ó Rua Grajaú/ foste o embrião/ de um bairro nobre/ e feito com carinho/ um recanto que alegria o coração". Depois eu fiz um soneto dedicado à capelinha porque o Tricárico era italiano, quando veio para o Brasil fez uma promessa: se tivesse sucesso construiria uma capelinha e, em 1914, ele construiu a casa dele, na rua Grajaú nº 1 e, no quintal, 4 anos depois ele inaugurou a capelinha.... O Grajaú foi inaugurado com a primeira casa, no dia 15 de agosto de 1914, e fez agora 85 anos...

A versão concorrente foi sustentada, nas reuniões da Comissão e também através dos jornais locais, pelo presidente do Grajaú Tênis Clube/GTC e, à época, também presidente da AMGRA. Este personagem nos conta, em entrevista, que o bairro surgiu a partir de um clube de futebol (Grajaú Futebol Clube), que depois se transformou no GTC, de onde viria o nome da rua onde estava situado e também o nome do bairro. E argüi que a data de fundação do bairro deveria ser a da fundação do clube, 5 de setembro de 1925.

Meu avô comprou um terreno na rua Borda do Mato, em 1924, e construiu a casa da família. Desde então moramos no Grajaú. Meu pai gostava de futebol, mas o esporte da época era tênis, coisa de almofadinha ... Esporte de homem mesmo era futebol. Então eles fizeram um local de encontro no bairro - o barracão de futebol, que em 1925 virou o Grajaú Tênis Clube. As plantas da companhia que loteou o bairro e as escrituras públicas só falam em Andaraí Grande e Andaraí pequeno. Grajaú era o nome do clube.

Mesmo admitindo que a fundação de um bairro é um processo dinâmico e complexo, o professor propôs como marco simbólico a data da inauguração da casa de Tricárico, suscitando um forte debate nas reuniões com as lideranças do bairro, mas obtendo apoio da maioria delas²⁹:

²⁹ A versão do professor foi apoiada pelos dirigentes da Associação Comercial e Industrial do Grajaú, Sociedade dos Amigos da Reserva Florestal do Grajaú, jornal *Vila em Foco*, Associação Atlética Light, Confraria do Verdun e 9ª RA, além de outras lideranças do bairro. O *Jornal Grajaú* questionou os dados como insuficientes para uma conclusão e a AMGRA, na pessoa de seu dirigente, posicionou-se contra as comemorações, defendendo a segunda versão.

Tem um cidadão do Grajaú, que foi presidente do Grajaú Tênis Clube muitos anos, e ele quer que o aniversário do bairro seja o aniversário do clube. Então eu argumentei com ele: -" como é que existia um clube, se não existia ninguém morando por perto?" Então vamos parar... (professor).

... quando chegaram os novos grajauenses, começaram a discutir a data da fundação. Queriam ter uma data cabalística para a fundação do bairro. O mesmo grupo que já tinha violentado a história de Vila Isabel ... Levei 7 argumentos para a identidade entre o GTC e o bairro, que o GTC era o centro cultural e desportivo de tudo que acontecia no bairro. Eles só levaram a foto da casa do Tricário. Mas como eles tinham mais força política fizeram a festa dos 80 anos e ficou a casa do Tricário como símbolo do Grajaú. Mas ela era na periferia, na rua Barão de Bom Retiro

... acharam que era guerra minha com o administrador regional. Chegaram a botar esta estória na internet (presidente do GTC).

Nós encontramos uma data, eu e um professor do Pedro II fizemos um histórico, mandamos para a Prefeitura e a Prefeitura aceitou a data (professor).

A polêmica envolveu as *lideranças* locais, as entidades representativas do bairro, a 9ª Região Administrativa, os jornais da área e muitos moradores. Por fim, a versão do professor foi aceita e oficializada pela 9ª RA e pela Prefeitura; a primeira, através da divulgação da pesquisa dos dois professores e ambas, através da promoção de um programa de comemorações dos 80 anos do Grajaú, no período de 11 a 15 de agosto de 1994.

Fixando imagens do passado, disputando o presente

Os episódios examinados (pesquisa, produção de versões, debates, concursos de redações e poesias sobre o bairro, divulgação das versões em publicações, jornais da região e em um **site** sobre o Grajaú e, por fim, uma semana de festividades) revelam o interesse e o esforço em produzir uma versão consagrada da história do bairro, recriando a memória coletiva, no sentido apontado por Bosi:

"Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros 'universos de discurso', 'universos de significado', que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma *versão* consagrada dos acontecimentos, o ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história." (1994: 66-67, grifo da autora).

Ana Daou, em sua pesquisa sobre a sociedade amazonense na virada do século XIX, demonstra como a permanente referência à Manaus antiga por seus entrevistados era "parte de um exercício de fixação de uma determinada construção social, atrelada ao prestígio e ao **status** de um segmento social e aos interesses de consagração de uma época" (1999: 74). Tratar-se-ia, nos termos de Pollak, de um "trabalho de solidificação da memória" que, criando "elementos irredutíveis", buscava dificultar a "ocorrência de mudanças" (1992: 201).

De modo similar, podemos entender a definição da data de fundação do Grajaú como um "ponto de referência" que estruturava a memória coletiva, permitindo recompor a história do bairro através de um processo intersubjetivo de construção de sua memória. Assim, reconstruía-se no presente o Grajaú como um *bairro nobre, de elite*, demarcando as distâncias sociais que o separariam de seu entorno operário. Mas, ao fazê-lo, construía-se --- por referência a este outro que era excluído de um passado e um presente comuns --- também a identidade individual e coletiva de seus personagens como *grajauenses*. Considerando esta relação entre construção da memória comum e de identidades coletivas, Pollak sublinha:

"A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra ... em tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades ... A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. ... Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum ... eis as duas funções da memória comum" (1989: 9).

Entretanto, é ainda Pollak que destaca que uma versão majoritária da memória coletiva não é necessariamente hegemônica, ou melhor, nem sempre está "suficientemente constituída e instituída", podendo conviver com versões "subterrâneas", minoritárias, dominadas, mas capazes de serem ativadas em determinadas circunstâncias ou no interior de grupos específicos. A memória pode, assim, "entrar em disputa" (1989: 4). Desta perspectiva, podemos compreender o processo de recriação da memória coletiva do/no Grajaú como uma "trabalho de fixação" de imagens do passado valorizadas como positivas, em que estas estão de fato em disputa por requalificarem o presente, como veremos a seguir.

As versões concorrentes sobre a história do bairro destacam aspectos de seu passado referidos basicamente ao que seria seu perfil de *elite* ou de classe média e seu surgimento em torno de um clube ou de uma igreja. Ao fazê-lo, articulam-nos às biografias de alguns dos principais atores do bairro (suas *lideranças*). Constróem, assim, entrelaçamentos diversos entre memória/história do bairro e trajetórias particulares, que se associam à postulação de quem pode legitimamente nele, para e por ele falar.³⁰

A história agora oficial do bairro, ao representar o Grajaú como um bairro que nasceu em torno de uma capela,³¹ está construindo o mesmo como uma comunidade católica e, dessa forma, considerando este pertencimento religioso como atributo fundamental para sua representação. Reconhece outras redes sociais no bairro, mas sob a hegemonia da rede católica.

O bairro começou a crescer e a ter vida sócio-religiosa, em torno da Capelinha, onde havia Missa aos domingos, batizados, novenas no mês de maio, na festa de N. Sra. da Imaculada Conceição, Primeiras Comunhões. Ali se encontravam as pessoas residentes no bairro e na vizinhança (professor).

"[A capela foi] a primeira referência cívico-religiosa da comunidade nascente... ... a juventude que se criou na Rua Grajaú, se relacionando nas festividades cívico-religiosas ... [é] que vai dar início ao ... Grajaú Tênis Clube"³²

³⁰ Através de minhas observações no campo e das entrevistas, defini as "lideranças do bairro", reconhecendo a representação que lhes era atribuída mas discriminando seu alcance e efetividade, em três categorias: os que "falam no bairro", os que "falam para o bairro" e os que "falam pelo bairro". Considerei como "falando no bairro" os moradores com uma participação comunitária ou algum tipo de destaque eventual. Os que foram citados como tendo influência, os que achavam que a tinham, os que tinham participação regular nas organizações comunitárias e/ou aqueles que se destacaram como formadores de opinião, situei como "falando para o bairro". Já os que exerciam alguma representação comunitária ou política, tendo sido eleitos ou indicados por algum grupo para tanto e transcendendo a esfera estrita do Grajaú, classifiquei como "falando pelo bairro".

³¹ Aqui se disputam os "lugares de memória", nos termos de Pollak: a capela ou o clube como "lugares de comemoração (1992: 202).

³² Marcelo Sant'Ana Lemos e Francisco Ferreira da Silva, "Grajaú: 80 anos", *Almanaque do Grajaú*, 1994: 17.

Já a versão do surgimento do bairro em torno do clube valoriza o *grajauense de raiz*, isto é, nascido e criado no bairro, mais precisamente na área do 1º loteamento, que seria recoberta pela rede social do GTC e das ruas adjacentes. A referência aos *novos grajauenses* evoca o sentido original de *bairro de elite* e qualifica como seu possível representante o *morador antigo*, condição da qual exclui, no passado, Tricárico, já que sua casa seria *na periferia* e, no presente, os *moradores novos*. Com isso, reforça o pertencimento social como condição para a representação, operando com a representação do *morador antigo* como aquele que *ama o bairro*, conhece seus problemas e é capaz de propor soluções que contem com o apoio e a adesão dos moradores. Já os *novos* operariam através de uma espécie de "golpe", demonstrado no caso por uma associação a um grupo externo para *violentar a história*.³³

Nesta construção discursiva, o presidente do Clube enuncia a disputa pela representação no/do Grajaú, que se processava nos planos comunitário e político. Ao afirmar a supremacia da rede social dos *moradores antigos* sobre a rede católica, está se qualificando como seu representante na AMGRA, na Câmara de Vereadores e na Assembléia Legislativa, isto é, para falar para o bairro e pelo bairro, e diminuindo o efeito negativo de seu afastamento da Igreja Católica.³⁴ O que indica que identifica claramente seus opositores: o administrador regional e o professor. O primeiro, morador de Vila Isabel, que estava *entrando no bairro* através da frequência social das *famílias grajauenses*, da inserção na rede católica e de uma articulação na política comunitária, se elegeu vereador, em 1996, com uma campanha em que, localmente, enfatizava sua condição de representante de Vila Isabel e do Grajaú. O segundo seria o presidente da AMGRA na gestão imediatamente posterior (1995/97).

De outro ângulo e independentemente da intencionalidade de suas ações no momento da disputa, o professor através delas também se qualifica para falar no/para o bairro. E o faz, de um lado, atacando a identidade do adversário com a *elite* do bairro, ao afirmar que a rua Borda do Mato, onde o mesmo reside, originalmente *era de outro loteamento*, o Vila América. Por outro lado, neutraliza a tentativa de exclusão, credenciando-se como portador da memória do bairro na condição de seu historiador e divulgador e superando a exigência de ser *de raiz* através da permanente declaração de seu *amor ao Grajaú* em crônicas e poemas. E, ainda, valoriza seu pertencimento religioso (é inclusive ministro da eucaristia), ligando-o diretamente à tradição do bairro:

Toda segunda-feira, às quatro horas, a família com as velhinhas amigas rezam o terço; uma vez por ano, no dia 8 de dezembro, é celebrada a missa de Nossa Senhora da Conceição. Eu há 30 anos ajudo a missa nesse dia.

Gostaria de destacar aqui a estratégia de inclusão no bairro desenvolvida pelo

³³ O presidente do Clube faz referência à diminuição da população de maior poder aquisitivo, isto é, à evasão das *famílias tradicionais*, que é mencionada em várias entrevistas como efeito da violência e da insegurança. Os dados estatísticos indicam um crescimento negativo da população de 10,7%, no período entre 1991 e 1996 (IPLANRIO, 1998). Além disso, é provável que a composição social do bairro tenha se alterado. Todos esses elementos afetariam as relações entre novos e antigos moradores.

³⁴ Este personagem, à época presidente da AMGRA, já havia dirigido a Associação nas três gestões anteriores e voltaria a se candidatar em 1999. Também foi quatro vezes candidato a vereador e/ou deputado estadual, por diferentes partidos, nas eleições de 1986, 1990, 1992 e 1994. Nas últimas eleições, seu **slogan** era "vote no amigo de sua comunidade". Mas havia abandonado a Igreja Católica, quando censurado pela comunidade da paróquia por sua conduta em questões familiares.

professor, tal como por outros moradores, e que se relaciona à reelaboração da categoria *bairro de elite* examinada anteriormente. *Ser grajauense* passa a significar, então, compartilhar de sua história, se não no passado, por sua reconstrução e celebração no presente; se não pelo pertencimento social e espacial em sua *elite*, através de uma sociabilidade que valoriza a sua tradição e se assenta na família e na comunidade católica.

O segundo momento: novos atores em cena e as mediações com o Andaraí

A produção de uma versão consagrada sobre a história do Grajaú, não foi, no entanto, capaz de suprimir totalmente a contravérsia sobre a mesma. Cinco anos depois, em meu trabalho de campo, os moradores me ofereciam espontaneamente em seus depoimentos uma versão da história do bairro. Embora, com maior frequência reproduzissem a história oficial, havia espaço também para a reconstrução da memória coletiva pela tematização da região proletarizada do bairro e das favelas.

Um jornalista, que à época da polêmica original divulgara ambas as versões, fomentando o debate, lançou uma nova interpretação da história do Grajaú, valorizando suas conexões com o Andaraí.

Pelo jornal, numa pesquisa minha, eu lanço outra tese ... é a partir do momento que você urbaniza um determinado espaço [que] começa a dar vida àquele espaço ... ele já começa a surgir ali. O [professor] ... parte do surgimento da igreja, mas antes ... já existia a rua Borda do Mato. Há muito mais tempo, há cem anos atrás. Então, o bairro, a região pra mim, foi fundada aí, no período em que foi fundada a rua Borda do Mato... que é muito mais antiga do que a rua Grajaú, a igreja do Tricário e o Grajaú Tênis Clube. Então, nenhum dos dois tem fundamento, não têm razão sobre o aniversário do bairro.

A reatualização do debate implica uma nova postulação de falar pelo bairro, redefinindo seu território e reconstruindo a identidade coletiva de seus moradores. O jornalista é pré-candidato a vereador pelo Partido Socialista Brasileiro e avalia que, de dentro do bairro: *virão muitos candidatos, não vai ser fácil*. Retomar o debate significa, de um lado, um confronto com um vereador da região, ex-administrador regional e forte candidato à reeleição, como pode ser interpretado a partir de seus comentários diante dos primeiros preparativos para a realização da festa de aniversário do bairro no ano seguinte:

Como agosto-setembro é véspera de eleição, acredito que seja iniciativa desse cidadão ... para evidenciar uma participação direta no bairro (...) e trazer a mídia a seu favor, às vésperas da eleição.

De outro lado, envolve construir a própria candidatura. Sustentar que o bairro surge a partir da rua Borda do Mato (rua de "fronteira" entre os dois loteamentos), cem anos atrás, é vincular o surgimento do Grajaú ao Andaraí. Se o vereador está identificado com a *elite* social e católica do Grajaú, o jornalista fala como possível representante de um bairro que não é mais o *bairro nobre*, mas que teria também um passado proletarizado cuja dignidade propõe resgatar. Trata-se, portanto, de contar a história do Grajaú a partir do Andaraí, das

fazendas dos jesuítas às suas fábricas e vilas operárias e, só então, seus loteamentos.³⁵

Ele está querendo realizar essa festa, só que, de repente, pode ser formado um grupo que possa vir fazer com mais fundamento ..., alguma festa mais adequada... assim, buscando raízes e mais razão... Muitas coisas vão acontecer, porque esse ano é um ano crítico.

A tese do Grajaú como um desdobramento do Andaraí Grande não lhe é exclusiva, ao contrário vem sendo defendida com vigor pela Associação de Moradores e Amigos do Andaraí/AMARAÍ e por grupos de moradores que procuram *manter viva a tradição do bairro*, entre os quais se destacam alguns vinculados a partidos da esquerda que denunciam sua descaracterização histórica e a espoliação de sua memória.³⁶ Apresentam a identificação do Vila América como parte do Grajaú como produto de estratégias tanto individuais como do capital imobiliário para valorizar a área como um bairro de **status**, aumentar os valores dos imóveis e o prestígio de seus moradores, desvinculando-o das origens operárias.³⁷ Em 1999, esse grupo divulga o projeto "Andaraí quase 500 anos", que pretende mobilizar os moradores "para resgatar e divulgar a história do bairro e melhorar sua qualidade de vida."³⁸ No caso do jornalista, seu entendimento parece ser que, através do decidido apoio a esta tese, de seu trabalho de divulgação da região através do jornal³⁹ e de sua atividade comunitária (projetos culturais e desportivos naqueles dois bairros), qualifica-se à representação postulada.

Esta versão da história do Grajaú, valorizando positivamente a herança operária, reconstrói o passado redefinindo suas fronteiras espaciais e sociais. Ao fazê-lo, desvenda, no presente, a porosidade das fronteiras e abre "passagens" para a inclusão no bairro dos moradores mais pauperizados e de suas favelas. Ou melhor, torna possível uma outra construção social do bairro. Vindas do Grajaú, outras vozes se somam a essas, em uma nova recriação coletiva do bairro.

Mediações com as favelas e reconstrução do bairro

Paulo, por exemplo, contando como veio morar no bairro, resgata uma face proletária do Grajaú como constitutiva do *bairro nobre*, destacando a existência de um conjunto habitacional dentro desta parte do bairro. Mas, em seu relato, não se prende ao bairro como um espaço em si. Antes o entende, em sua lógica espacial e social, como um produto das desigualdades sociais que relacionam presente e passado, bairro, cidade e país. Assim, reconstrói, no presente, uma unidade bairro-favelas pelas relações de classe na sociedade capitalista, criticando a exclusão das últimas do primeiro como apartação social.

³⁵ Notar que a versão do professor, embora se refira ao loteamento Vila América (totalmente ignorado na versão do presidente do Clube), só destaca e valoriza a sociabilidade que se desenvolve entre o Clube e a Capela; portanto, característica do 1º loteamento. A fusão dos dois loteamentos aparece, assim, como uma incorporação talvez indevida de um corpo estranho.

³⁶ Ver, por exemplo, "Andaraí comemora 425 anos", "Andaraí hoje" e "D. Arminda lembra o Andaraí de ontem", todas no *Jornal Grajaú*, nº 12, novembro de 1990 e "Andaraí: terra de ninguém", *Jornal Grajaú*, nº 36, maio de 1994.

³⁷ Notar que a definição das fronteiras do bairro a partir da construção de sua forte identidade de classe média como um bairro nobre por oposição às áreas proletarizadas em seu entorno, contraditoriamente, contribui para diluir essas mesmas fronteiras: todos querem ser Grajaú.

³⁸ A referência aos quase 500 anos entende a formação do bairro a partir da doação aos jesuítas das terras em que se formou, a sesmaria de Iguaçu, em 1565. Para o projeto Andaraí quase 500 anos, ver *Atualidades*, nº 8 e 9, dezembro de 1999 e janeiro de 2000.

³⁹ A alteração do nome de seu jornal sucessivamente de *Jornal do Grajaú* para *Jornal Grajaú* e, posteriormente, *Atualidades* deveu-se a esta busca de uma representação mais ampla.

Quando eu me mudei para o Grajaú, fui morar num conjunto do IAPC [Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários]. Nós éramos altamente discriminados pela burguesia do Grajaú, porque ali era um conjunto residencial. "Isso aí não pode acontecer dentro do Grajaú, nós temos que afastar, isso, é um absurdo". Esse mesmo absurdo que eles falam das favelas. Esse mesmo absurdo que eles fabricam. Favela é o produto mais autêntico do capitalismo

Apesar de ter sido candidato a deputado estadual, em 1990, Paulo não postula falar pelo bairro e sim pela esquerda, pelos trabalhadores. Reconstruindo a história e a memória do bairro, não disputa uma representação política e sim uma visão de mundo. É deste lugar que fala para o Grajaú.

O Grajaú sempre teve no seu bojo ... uma elite um defeito nosso. Mas aqui havia um pessoal esclarecido ... nós tínhamos condições de formar uma opinião. [...] Eu saio de casa ... pra' comprar um pão e volto duas horas depois, porque eu paro para responder às pessoas. "Paulo, o que você acha disso? Eu acho isso e isso, minha posição é essa." ... Eu tenho um respeito muito grande por isso.

Sem qualquer compromisso com a tradição do bairro, Paulo fala do ponto de vista de uma corrente política, esta sim configurando para ele uma tradição, para transformar o bairro. Defendendo a inclusão das favelas e dos segmentos pauperizados no Grajaú, pretende fazer *avançar a cabeça das pessoas* e, deste modo, também a política no Rio de Janeiro.

Com a mesma perspectiva, ainda que através de partidos e estratégias diferentes, Fernando e Zélia reconstróem a história do Grajaú. Zélia, *moradora nova* e residente na periferia do bairro, associa a história do Grajaú à do Andaraí e de Vila Isabel, integrando *asfalto* e favela. Com esta perspectiva, inicia, na escola pública onde trabalha, um projeto com alunos e professores para *recuperar a memória da região*. Pensa em recolher as histórias de seus moradores e recontar o processo de desmatamento e ocupação das encostas como paralelo e integrado ao desenvolvimento do *asfalto*. Com isso, pretende estar reforçando a mediação que ela própria exerce na região a partir desta escola e de sua participação na Agenda Social Rio.⁴⁰ Mas, sobretudo, quer valorizar o papel da escola ora como espaço neutro, ora como lugar de integração de diferentes favelas e "comandos", de estudantes pauperizados e de classe média.

A escola foi considerada por eles uma área neutra, então tem tanto a comunidade do Macacos quanto a do Andaraí, que são inimigos, se dizem inimigos ... Mas eles sabem que, no momento que estão da porta prá dentro, eles pertencem a uma outra comunidade, que é a comunidade da escola ... não tem uma característica própria ... de favela ou ... de asfalto. [...] Aconteceu uma parceria entre eu e eles [os líderes comunitários], qualquer coisa eu aviso as comunidades e qualquer coisa eles me avisam ...

Já Fernando, *morador antigo*, nascido no bairro, recupera do passado as imagens que permitam reconstruir o bairro do Grajaú como uma comunidade que incluía, no presente, *asfalto* e favelas.

No final da rua Comendador Martinelli - não existia ainda a Reserva Florestal - era um morro, onde ... o Seu Adail tinha uma criação de cavalos ... No pé da Pedra, existiam umas vinte, vinte e

⁴⁰ Trata-se de um fórum na Grande Tijuca (8ª e 9ª RAs), envolvendo associações e organizações representantes de favelas e de bairros, instituições estatais, ONGs, universidades e entidades da sociedade civil, com o objetivo de "reverter a integração subordinada das favelas à cidade" através de um plano de desenvolvimento local integrado.

cinco famílias. ... aqueles meninos eram os mesmos que freqüentavam a [escola] Duque de Caxias comigo. Meu pai era médico; chegava ao final da noite e as famílias desciam e esperavam no portão da minha casa ... atendimento ... amostra grátis ... As pessoas lá de cima ajudavam aqui em baixo com jardinagem ... zelador. ... A relação entre o pobre e a classe média era muito pacífica, tranqüila, sem qualquer problema. Hoje, esses mesmos meninos, parte dessas famílias foram para Paciência, em Santa Cruz, e parte conseguiu ficar na própria Grajaú-Jacarepaguá [no Morro do Encontro] ... Os que não foram continuam trabalhando no bairro. Não existia problema de favelização com a conotação que tem hoje ... a questão da segurança. Essa história que estou falando, provavelmente deve ter se repetido no final da [rua] Borda do Mato [atualmente, acesso à favela Vila Rica ou Borda do Mato], na escadaria da [rua] Bambuí [acesso à Nova Divinéia], lá onde o Seu Manoel tinha o Horto no final da Campinas [acesso à JK e à João Paulo II]. Essas histórias se repetem em todos esses lugares e as comunidades que lá estavam eram bem recebidas pelo bairro naturalmente como tem que ser: ... dentro do princípio da normalidade de convivência.

Contra a imagem recorrente no Rio de Janeiro como uma "cidade partida", Fernando enfatiza as relações entre o *pobre* e a *classe média*: relações de trabalho sobretudo, mas também as de ajuda mútua, de assistência desinteressada aos desvalidos, a convivência das crianças na escola e nas brincadeiras de rua. Em seu relato, o Grajaú aparece como uma comunidade que integrava favela e *asfalto* por sobre as diferenças de classe e a partir das relações que se desenvolviam no cotidiano do bairro. O entrincheiramento do tráfico de drogas nas favelas teria rompido essa vivência de comunidade no Grajaú.

Com a entrada do narcotráfico de forma agressiva nesses morros e a ausência do Estado, o narcotráfico passa a assumir o comando desses morros e essas pessoas ficam como refêns dessa situação. Daí começamos a discutir não mais condições de emprego, saúde e educação e a discutir segurança pública, baseado em quê? "Estamos precisando de mais armamento, de mais guarda!" Agora veja bem, o Grajaú não é bairro de passagem, pelo contrário, é fim de ponto, então com essa história você há de convir que tem alguma coisa errada aí. A gente não conseguir fazer com que essas comunidades possam sair dessa posição de refém ...

A solução para o bairro seria romper com o presente de violência, reconstruindo seu passado "comunitário". Descartando a hipótese de fazê-lo pela exclusão social, como restauração do *bairro nobre* ou *de elite*, a alternativa que propõe é recriar a comunidade pela política. Para Fernando, ao tentar reconstruir o Grajaú como um *bairro nobre*, muitos de seus moradores idealizam o passado, tentando reviver o "bairro de antigamente" por vias transversas ou ineficazes.

... principalmente as [pessoas] na faixa de quarenta e poucos anos, que soltaram muita pipa, balão, pelada de rua, uma rua contra a outra... Essa foi a infância que eu tive e que meu filho não tem. [Mas] o que as pessoas querem no fundo é que o bairro volte a ter aquelas características que um dia teve ... Por isso, o "Acorda Grajaú" nasceu com força, porque chegamos à conclusão de que para ter as mesmas características era preciso que as ruas tivessem uma condição adequada, a escola pública funcionasse devidamente, a saúde também, etc.

O caminho para "restabelecer a comunidade" é, para Fernando, o da política. Mas Fernando defende uma política que se associe à religião para resgatar a sociabilidade perdida através da ação comunitária. A força da idéia de comunidade em sua fala provém da hipótese de reatualização da comunidade católica, inspirada no modelo das comunidades eclesiais de base, e de requalificação do tipo de solidariedade e participação hoje desenvolvidas no âmbito das pastorais católicas.⁴¹ É do *movimento social de base da Igreja*, com a voz da

⁴¹ Para a elaboração da idéia de comunidade em oposição ao "caráter excludente da divisão social capitalista do trabalho" e como meio de integração das redes de vizinhança em relações de solidariedade e ajuda mútua, entre outros temas, ver (Doimo, 1992).

igreja dos pobres que Fernando fala para o bairro, propondo

... restabelecer aquilo que nós tínhamos, que é o que somos na realidade. Nós não somos pobres e ricos, morro e asfalto, nós somos uma comunidade só. O bairro tem todas as condições de resolver quase todos os seus problemas. Meninos de rua? O bairro tem condições de resolver! É complexo o problema, mas a certeza que a gente tem é de que é possível a sociedade atropelar esse processo com mobilização social, resgatando através desse passado, dizer: "Vamos juntos tentar resolver o problema". Eu estou lá em cima na [Nova] Divinéia juntando jovens de quinze, dezesseis e dezete anos, porque, se eu não fizer ou quem esteja lá em cima, esses jovens vão ser recrutados pelo tráfico, não é isso? Então o trabalho da Igreja é importante porque segura, você sabe que segura.

Esta perspectiva anima sua idéia de reconstrução da *comunidade do bairro* como uma comunidade católica e cidadã. Neste sentido, compartilha do projeto de "integração e pacificação" do Rio de Janeiro, que se desenvolveu ao longo da década de 90 na cidade, combinando a religiosidade difusa existente na cidade às diversas igrejas, no exercício da fraternidade e na promoção da cidadania⁴² e que, no caso da Igreja Católica, parece estar associado a uma reorganização e revitalização das pastorais, ainda que sob novas bases.

Tematizando as favelas e interpelando o bairro

Esse projeto de "pacificação e integração" do Rio de Janeiro responde ao crescimento da violência e dos sentimentos de medo e insegurança, que se expressam na imagem de uma "cidade partida", com a proposta de integração das favelas à cidade. Envolve associações de moradores de bairro e de favela, ONGs, instituições estatais, igrejas, escolas e entidades diversas, muitas vezes articuladas em fóruns, redes e conselhos diversos, e desenvolve várias iniciativas de promoção da cidadania, da solidariedade e da participação por parte da sociedade civil, que se combinam a alguns programas pontuais do governo estadual, como por exemplo o Vida Nova, e ao Favela-Bairro, programa de urbanização das favelas desenvolvido pelo governo municipal.⁴³

Quero com isso destacar que a construção social do bairro do Grajaú não concerne exclusivamente a seus moradores, realizando-se no interior de um contexto mais amplo de reconstrução da cidade do Rio de Janeiro, que se configura como um campo de disputas de projetos sociais e políticos, que não me cabe aqui examinar. Gostaria apenas de enfatizar que a recriação e disputa da memória e da identidade do bairro, que analisamos, é informada, num plano mais geral, tanto pela perspectiva de integração das favelas à cidade, quanto pela de sua exclusão. Há, porém, no Grajaú uma influência específica do "projeto de pacificação e integração", particularmente através da interpelação de suas lideranças de bairro e de favelas pelo fórum constituído pela Agenda Social Rio, mas também no âmbito da Conselho Comunitário de Segurança da Grande Tijuca⁴⁴, dos conselhos Escola-Comunidade e do Conselho de Saúde da AP-22.

Instadas a promoverem a integração entre *asfalto* e favelas, as novas lideranças do

⁴² Refiro-me aos diversos projetos sociais, ações filantrópicas e iniciativas solidárias que surgiram, na cidade, a partir de 1993 e das campanhas Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida e Viva Rio, que examino em (Leite, 2000a).

⁴³ Para uma visão histórica das políticas públicas desenvolvidas em favelas no Rio de Janeiro, ver (Burgos, 1998).

⁴⁴ A Grande Tijuca é formada pela 8ª e 9ª RA da cidade; a primeira compreende os bairros da Tijuca, Maracanã, Praça da Bandeira e Alto da Boa Vista.

Grajaú, "ao falarem para o bairro e pelo bairro", refazem seu território, redefinido fronteiras e abrindo passagens⁴⁵:

(Quando fizemos a chapa para a AMGRA) tinha uma divisão alto Grajaú e baixo Grajaú, mas não é nada disso, isso é fofocada da galera. Então pegamos gente daqui de cima, gente lá da Praça Nobel, do (Largo do) Verdun, o pessoal mais embaixo da (rua) Mendes Tavares (presidente da AMGRA).

Fui até lá e a mulher do presidente da [favela] Caçapava me disse "foi a primeira vez que o presidente da AMGRA lá de baixo sobe aqui." Mas não é assim que tem que ser? [...] já criou esse constrangimento (a exclusão) porque o PEU só vai até uma determinada área (idem).

Interpeladas pelos mesmos fóruns e diante da fluidez das fronteiras entre bairro e favelas nas diversas reconstruções do passado e do presente que examinamos, as lideranças de favelas também refazem o Grajaú. Embora não possa, no âmbito deste texto, analisar como o fazem, gostaria, ao menos, de indicar algumas de suas estratégias de inclusão e de exclusão no bairro e as circunstâncias em que são acionadas, examinando brevemente dois casos.

O primeiro é o da favela do Morro do Encontro, como vimos situada na Serra do Engenho Novo, uma das "fronteiras" do Grajaú, e considerada pela Prefeitura como integrando o bairro do Engenho Novo. O programa Favela-Bairro, porém, entre suas iniciativas de urbanização abriu uma rua de acesso ao Encontro na rua Visconde de Santa Isabel, bairro do Grajaú. Diante disso, o presidente da Associação de Moradores e Amigos do Encontro reivindica a inclusão da favela no bairro do Grajaú.

Nasci no Encontro e pedi muito pão aí pelo Grajaú a fora, carreguei muita bacia, trouxe de roupa... fazia carreto na feira [...] me criei na comunidade. [...] pelos dados do IBGE, consta que nós somos do Engenho Novo. [...] nós somos parte do Grajaú, mas como aí não consta, não é uma área formal, nós vivemos como se fosse no Engenho Novo, mas isso não é justo [...] se o Grajaú não aceita (o Encontro) como parte do território dele, a Reserva Florestal também não pode ser do Grajaú ... está no mesmo morro e o 6º Batalhão (da PM, responsável pela área da Grande Tijuca) não vai poder policiar a nossa área.

Ao fazê-lo, não só opera com uma lógica mais instrumental (sua inclusão nos projetos de "integração e pacificação" em curso na Grande Tijuca), como também busca restaurar uma vivência comum entre bairro e favela, marcada por relações de vizinhança e pela solidariedade e, assim, descaracterizar o Morro do Encontro como principal foco de violência e criminalidade no bairro.

A tentativa de romper com esse estigma, que hoje marca todas as favelas do bairro, parece ser uma preocupação comum de suas lideranças e orienta suas principais estratégias de inclusão no bairro, como veremos com o segundo caso, o de uma das favelas do Grajaú em sua relação com os moradores do bairro e a AMGRA. Benedito, um dos dirigentes de uma associação de moradores em favela, me conta que reorganizou o espaço de sua comunidade, suprimindo o nome das velhas ruas e designando-as por uma combinação do nome da rua formal que dá acesso à favela e um número (rua X, nº 350, casas 1, 2,...; rua X nº 352, casas 1, 2, ...). Enviou um ofício à CEDAE, solicitando o reconhecimento desta reorganização espacial, que foi aprovada pelos moradores por não evidenciar sua condição de favelados *para as pessoas que têm preconceito*. Assim, nomeando o acesso ao morro

⁴⁵ Notar que, em gestões anteriores, esta construção só era comum nas campanhas eleitorais para a Associação e na interpelação aos poderes públicos, ratificando a representação do território oficial do bairro.

como uma continuidade da via pública, transforma a fronteira em passagem.⁴⁶

Contudo, o principal operador desta transformação seria a política comunitária. Reconhecendo a importância da mediação efetuada tanto por lideranças do bairro, quanto por lideranças das favelas para um projeto de integração capaz de romper com o estigma e promover oportunidades de emprego e renda para os favelados, estes se ressentem da falta do que nomeiam como um compromisso mais efetivo por parte das lideranças do bairro.

A AMGRA fez o (evento) Natal Sem Fome (mas o presidente) nunca mais veio aqui em cima. Não sei o que está acontecendo. Ele é um presidente maior do que a gente, porque ele representa o Grajaú, é nosso presidente, mas não convida a gente pra' nenhuma reunião. Não convida pra fazer integração nenhuma. Inclusive a gente tem a Associação Comercial e eu disse pro' (presidente da AMGRA) ... "a gente faz uma integração 'comunidade de cima – comunidade de baixo' em termos de divulgação, negócio de comércio, ver emprego. Mas, eu estou vendo que a Associação dos Moradores do Grajaú infelizmente não está saindo do papel, não está funcionando (Benedito).

Na qualidade de lideranças comunitárias, Benedito e Sebastião falam, sobretudo, para e por suas favelas. Porém, nas circunstâncias em que se deparam com o preconceito e o estigma, falam também pelo bairro numa estratégia de dissolver fronteiras e trabalhar pela "integração", valorizando sua condição de mediadores. Assim, Sebastião declina sua condição de pártcipe da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, enquanto Benedito evoca sua iniciativa em promover, junto com outras lideranças da região, um evento para arrecadar alimentos para *os pobres*, o Natal sem Fome. Com isso, ambos reconstróem a tensa equação favela-*asfalto*, como pobres-classe média/ricos do bairro, qualificando-se como mediadores nesta relação.

Ultrapassando a mediação que lhes foi atribuída pelos poderes públicos, nos anos 60⁴⁷ (e que Benedito expressa como tomar conta da comunidade: *No momento que você passa a tomar conta da associação, você tem que tomar conta da comunidade também ...*), nos anos 90, a tarefa dos mediadores seria integrar bairro e favelas. É nesta qualidade que falam também para o bairro, interpelando suas lideranças:

[...] associação do bairro ... é fazer a integração de cima e em baixo... Porque a maioria das coisas que embaixo sofrem, vêm de cima. Até ... desentendimento de porta de colégio ... acho que a AMGRA devia opinar sobre isso também. ... Fazer reunião com liderança comunitária, convidar a população, fazer competições entre equipes de baixo e equipes de cima, fazer uma misturada ... Fazer uma integração falando que o Grajaú é um bairro só. O sentido do Natal Sem Fome era esse. Era unir a comunidade de cima com a comunidade de baixo para o pessoal ver a gente também como Grajaú. Não excluir a gente. [...] A intenção era eles (os moradores dos prédios no asfalto) descer e ver que no morro também tem gente boa. [...] Pra eles terem paz embaixo, a gente precisa ter paz em cima, está entendendo o ponto de vista?

Os fios da memória tecendo novos laços de identidade

⁴⁶ Notar, porém, que nem sempre é esta a estratégia escolhida. Algumas vezes as lideranças preferem demarcar os limites por um cálculo de custos e benefícios: *Aqui é comunidade carente, né? ... O que vier de ajuda a gente está aqui com a porta aberta para dar o apoio* (Sebastião).

⁴⁷ Refiro-me às atribuições impostas pelo SERFHA (Serviço Especial de Recuperação das Favelas e Habitações Anti-higiências) às associações de moradores, que Burgos examina em (1998: 30 ss) e que permanecem orientando as relações dos poderes públicos, entidades privadas e ONGs com (nas) favelas. Sobre o último ponto, ver o instigante artigo de Miranda e Magalhães (2000).

Analisando diferentes versões da história do Grajaú como criações coletivas da memória do bairro, examinei como resgatavam suas origens proletárias ou de classe média e valorizavam sua integração em uma área industrial ou seu caráter de bairro residencial isolado dos bairros operários em torno. Procurei demonstrar como essas versões se articulavam à percepção das fronteiras do bairro, ora concebidas como mais largas ora como mais estreitas do que as definições oficiais, ora incorporando ora excluindo as áreas proletarizadas e as favelas da região.

Para concluir, gostaria apenas de enfatizar que a disputa pela memória e história do Grajaú desvendou as fronteiras fluidas do bairro, abrindo a possibilidade de ampliá-las para além dos limites formais definidos nas plantas urbanísticas da Prefeitura e/ou dos desejados por alguns de seus principais personagens. Nesse sentido, abriu, internamente ao Grajaú, espaço para um movimento pela incorporação das favelas e dos segmentos proletarizados ao bairro. Movimento que foi efetuado tanto por moradores do *asfalto*, quanto por favelados, especialmente por suas lideranças e por que aqueles que operam com a perspectiva de integração entre *asfalto* e favelas.

Deste campo, surgem novas versões da história do bairro, que passa a ser também contada através do valorização de uma memória comum entre favelas e *asfalto*. Essas versões resgatam situações e personagens, o trânsito costumeiro entre os dois territórios, a identidade entre passado e presente. Com isso, trazem para o presente a idéia dos dois espaços como uma única comunidade ou como comunidades em relação, valorizando as relações de trabalho e de vizinhança que tradicionalmente as uniram. Assim, desvinculam as favelas do campo da marginalidade e do crime, ao qual vêm sendo com frequência referidas no Rio de Janeiro da última década, facilitando as passagens entre o bairro e suas favelas.

A recuperação das imagens de comunidade e o estabelecimento de um certo *continuum* entre passado e presente nelas baseado permite que essas novas versões da história do Grajaú vislumbrem também o bairro e suas favelas como partes de uma mesma realidade. Para o bem ou para o mal, para a guerra ou a paz, partilhariam um destino comum. A construção da alternativa da paz parece-lhes depender da valorização do lugar de mediação das lideranças de bairro e de favela, aqueles que podem falar no bairro e para o bairro pela reconstrução do Grajaú como uma comunidade.

Entrevistas realizadas

Para situar meus informantes, sem no entanto lhes desvendar a identidade, estou registrando idade e tempo de moradia no bairro de forma aproximada, além de operar com categorias amplas no que se refere à ocupação (por exemplo, "funcionário público" recobre

qualquer atividade desenvolvida em órgão federal, estadual e municipal). Da mesma forma, atuação comunitária envolve participação em associação de moradores (integrando a diretoria, participando de suas atividades e/ou de articulações de oposição) e em outros movimentos locais (Acorda Grajaú, Movipaz, movimentos ecológicos, articulação interfavelas, Comitê da Ação da Cidadania, etc.). Já atuação partidária refere-se à militância em núcleos e/ou diretórios partidários e à participação em eleições municipais e estaduais (da postulação de legendas partidárias a candidaturas propriamente ditas). A lista abaixo também inclui os que se envolveram na polêmica pública sobre a data de fundação do Grajaú e aqueles cujo relato foi analisado em função da representação exercida e que, somente em relação a esses aspectos, foram identificados no corpo do texto como "professor", "presidente de clube", "jornalista" e "presidente de associação de moradores".

1. Benedito - 25 anos, solteiro, trabalhador comunitário, católico não praticante, atuação comunitária, mora no bairro há 15 anos, residindo em favela;
2. Fernando - 45 anos, casado, com filhos, pequeno empresário, católico, atuação comunitária e partidária, nasceu no bairro, mora na área do 1º loteamento;
3. Guilherme - 70 anos, casado, com filhos, funcionário público, católico, atuação comunitária, natural de outro estado, mora no bairro há 35 anos, residindo na área tida como periferia;
4. João - 45 anos, separado com filhos, gestor da água, candomblecista, atuação comunitária, nasceu no bairro, residindo em favela;
5. Luís - 45 anos, casado, com filhos, profissional liberal, sem religião, atuação comunitária e partidária, mora no bairro há 20 anos, residindo na área do "Vila América";
6. Norma - 55 anos, casada, com filhos, funcionária pública, católica, atuação comunitária, natural de outro estado, mora no bairro há 25 anos, residindo na área do "Vila América";
7. Odete - 75 anos, casada, com filhos, funcionária pública, católica, nasceu no bairro, mora na área do 1º loteamento;
8. Paulo - 60 anos, casado, com filhos, profissional liberal, sem religião, atuação comunitária e partidária, mora no bairro há 50 anos, residindo na área do 1º loteamento;
9. Quito - 60 anos, casado, com filhos, funcionário público, católico, frequenta uma igreja evangélica, atuação comunitária e partidária, nasceu no bairro, mora na área do 1º loteamento;
10. Santos - 75 anos, casado, com filhos, funcionário público, católico, atuação comunitária, mora no bairro há 50 anos, residindo na área do 1º loteamento;
11. Sebastião - 55 anos, casado com filhos, trabalhador autônomo, católico não praticante/candomblecista, atuação comunitária, natural de outro estado, mora no bairro há 18 anos, residindo em favela;

12. Tavares - 60 anos, casado, com filhos, executivo, católico, atuação comunitária, nasceu no bairro, residindo na área do 1º loteamento;

13. Teixeira - 40 anos, casado, com filhos, pequeno empresário, católico não praticante, atuação comunitária e partidária, nasceu no bairro, mora na área do 1º loteamento;

14. Zélia - 45 anos, casada, com filhos, funcionária pública, espírita, atuação comunitária e partidária, mora no bairro há 20 anos, residindo na área tida como periferia.

Outras fontes

- Arquivos:

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro - arquivo sobre o Grajaú com reportagens da grande imprensa no período 1966/88;

Biblioteca Popular do Grajaú - arquivo sobre o bairro com reportagens da grande imprensa e dos jornais locais, dados estatísticos e de instituições diversas (levantamento até 1991);

9ª Região Administrativa da cidade do Rio de Janeiro - arquivo com documentos e estatísticas oficiais.

- Dados Estatísticos:

- *Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro*, 1995-97, Rio de Janeiro, IPLANRIO, 1998, cdrom.

- Documentos:

Ata da "Sessão para ser apresentada uma data para a comemoração do aniversário de fundação do bairro Grajaú na região norte da cidade do Rio de Janeiro", realizada na Associação Atlética da Light, em 3 de fevereiro de 1994.

- Documentos eletrônicos:

<http://www.marlin.com.br/~grajau/> (página sobre o bairro, sua história, geografia, atualidades, serviços, etc., elaborada por/ou com a colaboração de um pesquisador do bairro, possivelmente existe desde 1996).

<http://www.grajau.com.br/> (página sobre o bairro, suas empresas e atividades; possivelmente existe desde 1997; desenvolveu uma parceria com a AMGRA, na gestão 1997/99).

- Textos e livretos locais:

Almanaque do Grajaú (Bairro-Jardim da cidade do Rio de Janeiro), organizado por Francisco Ferreira da Silva, Ano I, vol. 1, Rio de Janeiro, 1994.

Capela de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Marco Histórico e Sócio-religioso do Grajaú, Bairro-Jardim da cidade do Rio de Janeiro, livreto organizado por Isaías Filho (pseudônimo de F. Ferreira da Silva), Rio de Janeiro, 1992.

"História do Andaraí" - Texto de autoria de Juiara Miranda, publicado no *Jornal Grajaú*, nº 12, novembro de 1990;

"Pequena síntese histórica do bairro do Grajaú" - Texto de autoria de Marcelo S. Lemos e Francisco Ferreira da Silva, publicado sob o título "Grajaú: 80 anos", em *Almanaque do Grajaú*, I, 1, 1994: 14-17.

"Uma lenda no Grajaú". Literatura de Cordel, de autoria de Isaías Filho, Rio de Janeiro, 1998.

- Jornais locais:

Amgra Informa - Noticiário mensal da Associação de Moradores do Grajaú - n^{os} 1 a 7, de julho de 1998 a agosto de 1999;

Atualidades (ex-Jornal Grajaú) - n^{os} 0, 1, 4, 6 e 8 a 11, de março de 1997 a março de 2000;

Grajaú em Prosa e Verso - n^{os} 1 a 31, janeiro a agosto de 1998;

Jornal Grajaú - n^{os} 0, 1, 5, 6, 8, 10, 12, 19, 22, 23, 28, 31, 34, 36, 37, 38, 42, 46 e 51, de outubro de 1989 a dezembro de 1996;

Notícias do Bairro - jornal comunitário da Tijuca, Grajaú, Vila Isabel, Maracanã, Andaraí e Alto da Boa Vista - n^o 17, novembro de 1996;

Questão - Informativo do Grajaú - n^o 5, 1998;

Tijucão - n^{os} 188 e 189, outubro e novembro de 1999;

Vila em Foco - n^o 86, setembro de 1999 e n^o 88, janeiro de 2000;

- Grande imprensa:

"Milagre de tenacidade e previsão: Grajaú", *Rio Ilustrado*, dezembro de 1943.

Jornal do Brasil - reportagens sobre o Grajaú e a Grande Tijuca, de 1994/1999.

O Globo - reportagens sobre o Grajaú e a Grande Tijuca, de 1994/1999.

Bibliografia

ABREU, Maurício de A. (1987). *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IPLANRIO/Zahar.

BOSI, Ecléa. (1994). *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. 3^a ed., São Paulo, Companhia das Letras.

BURGOS, Marcelo M. (1998). "Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro", in ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (org.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, pp. 25-60.

CARDOSO, Elizabeth Dezouart. (1989), "O capital imobiliário e a produção de espaços diferenciados no Rio de Janeiro: o Grajaú", *Revista Brasileira Geográfica*, 51 (1), jan./mar: 89-102.

COLCHETE FILHO, Antônio Ferreira. (1995), "Criação e desenvolvimento do bairro do Grajaú", Monografia de conclusão de Pós-Graduação em Sociologia Urbana, Depto de Ciências Sociais, IFCH, UERJ.

DAOU, Ana Maria. (1999), "Memória e identidade social: o 'álbum da cidade' como representação da elite amazonense e da 'Manaus antiga' ", *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 8: 65-78.

DOIMO, Ana Maria. (1992), "Igreja e movimentos sociais pós-70 no Brasil", in SANCHIS, Pierre (org.). *Catolicismo: cotidiano e movimentos*. Rio de Janeiro, Edições Loyola: 275-308.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. (2000), *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

LEITE, Márcia Pereira. (2000a). "Entre o individualismo e a solidariedade: dilemas da cidadania e da política no Rio de Janeiro", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, a sair.

----- (2000b) "Mapeando as favelas da Grande Tijuca", mimeo.

MIRANDA, Moema e MAGALHÃES, Paulo. (2000). "Reflexões a partir da Agenda Social", *Democracia Viva*, 8: 54-61.

NOVAES, Regina. (1996), "Violência imaginada: João Pedro Teixeira, o camponês, no filme de Eduardo Coutinho", *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 3: 187-207.

- ORTIZ, Renato. (1994). *A moderna tradição brasileira. Cultura brasileira e indústria cultural*. 5ª ed., São Paulo, Brasiliense.
- POLLAK, Michael. (1992), "Memória e identidade social", *Estudos Históricos*, 5, 10: 200-212.
- (1989), "Memória, esquecimento, silêncio", *Estudos Históricos*, 2, 3: 3-15.
- SANTOS, Myrian S. (1998), "Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13, 38: 151-165.
- VALLADARES, Lícia. (1991). "Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil", in BOSCHI, R. (org.). *Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço público no Brasil*. Rio de Janeiro, Rio Fundo/IUPERJ.
- (1998), "Revisitando a favela carioca. A produção anterior às ciências sociais", XXI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, mimeo.
- ZALUAR, ALBA (1998), "Crime, medo e política", in ZALUAR, A. e ALVITO, Marcos (org.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, pp. 209-232.

ANEXOS